

ERROS NA AQUISIÇÃO VERBAL: A POSIÇÃO DO SUJEITO E A DIVISÃO ENTRE LÍNGUA E FALA

Irani Rodrigues Maldonade (Pesquisador Colaborador/IEL/UNICAMP)

Introdução

Na área de Aquisição da Linguagem, os erros na aquisição verbal sempre ocuparam lugar privilegiado nas discussões, pois passaram a constituir argumentos, ao longo da história da área, a favor de (ou contra) diferentes posições teóricas: inatistas, construtivistas, conexionistas e interacionistas.

Na teorização desenvolvida por De Lemos e colaboradoras, o erro é definido como produto do movimento da língua na fala da criança, ou mesmo, como resultado do estabelecimento de relações produzidas na fala da criança, num dado momento de seu percurso na aquisição da linguagem. É fato que ele proporciona uma instância de maior visibilidade destas relações ao pesquisador da área; o que será fundamental aqui, quando se investiga a constituição do paradigma verbal na fala da criança.

Houve, nesta proposta teórica, a tendência de se especificar alguns tipos de erros como: *reorganizacionais* (v. Figueira (1992 e 1996); *enigmáticos* (v. De Lemos (1994); ou ainda, *previsíveis e interpretáveis* (v. Figueira 1998 e 2000), que não causavam tanta estranheza aos interlocutores, a não ser pelo fato de não serem aceitos como ocorrências da língua adulta. Os erros enfocados neste artigo pertencem ao último tipo: a alternância entre *tive/teve*¹ existente na fala de M², que se tem como objetivo aqui analisar.

No corpus dessa criança, três classes de erros com verbos foram delimitadas: a) a de verbos com alternância vocálica (envolvendo erros como *dómo* e *tóssso*), b) a de verbos com alteração de classe de conjugação (em que se apresentavam erros como *machuqui*, *tomeu* e c) a de regularizações (envolvendo erros como *fazi* e *di*). No mestrado, um subconjunto de dados mostrou-se saliente na etapa final da redação da dissertação, embora não tenha sido imediatamente relacionado à classe de erros de verbos com alternância vocálica, que, na ocasião, analisava. Trata-se, essencialmente, do mesmo fenômeno de alternância vocálica, só que entre /i/ e /e/. A marcação de pessoa em *tive/teve*, ao contrário do que se tinha nos verbos descritos como sendo de alternância vocálica, se apóia exclusivamente sobre esta alternância. Não há marca desinencial, como o /o/ final em *dómo* e *tóssso*, por exemplo, que permite identificar a primeira pessoa no diálogo. Além disso, a vogal do radical não pode ser considerada como um morfema cumulativo, uma vez que no par *tive/teve* não há desinência.

Tal subconjunto de dados permite surpreender, de modo notável, o princípio do que mais tarde constituirá uma organização paradigmática. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento do tema permite lançar um olhar sobre a reflexividade envolvida nesse processo, uma vez que se focaliza a relação da criança com a língua no momento em que ela se mostra capturada pelo funcionamento de sua língua materna, no processo de constituir-se como falante.

1. Quadro teórico

O quadro teórico ao qual se faz adesão sempre rejeitou a análise da fala da criança como instanciações de categorias dadas pela descrição lingüística. Nele, foi preciso explicar como as categorias podiam derivar-se dos processos dialógicos. Ou seja, foi preciso transpor esse limite. A solução para o investigador descrever as mudanças lingüísticas na fala da criança, sem excluir o sujeito nem a língua, tem sido encontrada no estruturalismo enquanto programa teórico, pois tanto em Saussure quanto em Jakobson, o sujeito está implicado na descrição de um estado de língua. E, num estado de língua, tudo se baseia em relações. Tanto é que para Jakobson, o verbo é uma categoria em que código e mensagem figuram relacionados. Sendo assim, a pessoa verbal é definida pelo autor como a categoria que caracteriza os participantes do *procès de l'énoncé* com referência aos participantes do *procès de l'énonciation*. A primeira pessoa então marca a identidade de um participante do *procès de l'énoncé* com o agente³ do *procès de l'énonciation*, e a segunda pessoa, a identidade com o protagonista passivo, atualizado ou em potencial, do

¹ De acordo com a língua padrão, *tive* é a forma verbal esperada para a primeira pessoa do singular e *teve* é a esperada para a segunda (você) e para a terceira pessoa do singular (ele/ela), do pretérito perfeito do indicativo.

² M é a abreviatura do nome da criança por mim gravada desde um ano e seis meses de idade (1;6) até 4;6, cujos dados foram transcritos, analisados e já subsidiaram trabalhos anteriores, como a dissertação de mestrado e a tese de doutorado.

³ Na tradução espanhola encontra-se o termo "executor".

procès de l'énonciation. Ao contrário dos gramáticos normativos, que se referem às categorias verbais como se elas existissem por si mesmas, Jakobson (1974) mostra que elas têm origem no discurso. Seria esta uma pista para analisar a alternância *tive/teve* na fala de M? Esta questão torna-se plausível, na medida em que se verificou que os erros de flexão verbal identificados nas três classes, delimitadas na fala de M diziam respeito às posições eu-tu no diálogo, conforme apontado em Maldonade (1995 e 2003).

Neste sentido, não há como ignorar as reflexões de Benveniste (1995), para quem “o verbo é, com o pronome, a única espécie de palavra submetida à categoria de pessoa.” Para ele, o “eu” designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o “eu”, enquanto que “tu” é necessariamente designado por “eu” e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do “eu”. “Ele”, no entanto, está fora da relação pela qual “eu” e “tu” se especificam. O autor aponta que a primeira característica das pessoas “eu” e “tu” é sua unicidade específica. A segunda característica é que “eu” e “tu” são inversíveis.

Para Benveniste, as oposições entre “eu-tu” e a terceira pessoa são definidas por meio da correlação de personalidade, em que “eu-tu” apresentam a marca de pessoa e “ele” não. A oposição que se estabelece entre “pessoa-eu” e “pessoa não-eu” é definida como correlação de subjetividade. Benveniste afirma que os pronomes constituem realmente uma espécie diferente de classes de palavras⁴. Uns pertencem à sintaxe e outros às instâncias de discursos. Mas seria tal divisão útil para analisar os erros na fala de M?

A contribuição de Saussure para a análise em questão será ainda maior. Frequentemente, destaca-se sua concepção de língua como um sistema heterogêneo (o que equivale dizer que a diversidade dela é constitutiva) e dinâmico (que está em constante movimento). Tal reconhecimento leva Saussure a tomar o princípio da transformação como absoluto. Segundo o autor, uma das razões que levam à transformação é a analogia, que é definida como um fenômeno inteligente. Para explicar o que é analogia, ele recorre à fala da criança, estabelecendo assim, nosso ponto de interesse comum. Suas considerações poderão ser melhor compreendidas na interpretação dos erros na fala de M, como poderá ser visto, mais adiante, na análise de dados.

O recorte para a análise dados nos trabalhos anteriores (Maldonade 1995 e 2003) foi oferecido pela teorização desenvolvida por De Lemos, em que as mudanças mostradas na fala da criança não podem ser consideradas como construção de conhecimento gradativo sobre a língua. Elas são tratadas como decorrentes da captura da criança pelo funcionamento lingüístico, que têm como efeito colocá-la em uma estrutura. Portanto, as mudanças que caracterizam a trajetória da criança, desde seu início até que venha a se constituir como sujeito falante, são mudanças de posição na estrutura em relação à fala do outro, à língua e à sua própria fala.

Foi possível, naquela ocasião, verificar como a proposta das três posições da criança no processo de aquisição da linguagem se articulava no caso dos erros de flexão verbal na fala de M. Os resultados mostraram que as formas verbais iniciais na fala de M indicavam o processo de dependência dialógica, o que veio a ser definido, mais tarde, como sendo a primeira posição estrutural da criança no processo de aquisição da linguagem. Levando-se em consideração a definição de Jakobson em que a pessoa verbal caracteriza os participantes no *procès de l'énoncé* com referência ao *procès de l'énonciation*, pode-se dizer que as formas verbais que apareciam na fala de M indicavam que embora o enunciador do processo de enunciação fosse ela própria, a marca flexional, que a identificava na sua posição enunciativa, no verbo, se mostrava (ou resistia) em segunda pessoa. Isso foi interpretado como próprio de sua posição subjetiva.

Foi possível também registrar que a emergência do erro na fala de M relacionava-se ao deslocamento do sujeito da primeira para a segunda posição, quando a dependência da fala do outro cedia lugar para a dependência ao movimento da língua. A impermeabilidade da criança à correção foi tomada como característica da segunda posição da criança no processo de aquisição da linguagem, relacionada à impossibilidade de a criança escutar sua própria fala. A pergunta que se faz agora é: que outros fatos poderiam ainda ser iluminados a partir da análise dos erros *tive/teve* na fala de M?

2. Análise e discussão de dados

A primeira ocorrência trazida para discussão aparece num tipo de discurso, recorrente nas sessões subsequentes, cujo tópico discursivo girava em torno de um surto de catapora que atingiu M, suas irmãs e também seus primos.

(1) 3;02.22⁵

⁴ São os shifters para Jakobson (1974).

⁵ Os números separados por ponto e vírgula, e depois por ponto, representam a idade de M na ocorrência em questão. Assim, 3;02.22 significa: três anos, dois meses e 22 dias. Se depois dos números ainda aparecer a letra D, entre parênteses, indica que o dado foi

I: E a Amandinha, Marcelinha, como que tá?

M: Ela ta/ ela já/ é esquecê de falá pá/ pá ela se ela ti/ se **ela tive** catapora.

I: Que que é?

M: **Cê já tive** catapora?

I: Eu? Se eu já te/ se eu já tive?

M: É.

I: Eu já.

M: Ah, que você/

I: Eu não sei se eu tive. Eu tenho medo de ir na sua casa e pegá.

(As irmãs estavam no período de contágio)

No episódio, a marcação de pessoa apresenta-se apenas parcialmente: no pronome *ela*, mas não no verbo, que é atualizado em primeira pessoa do singular. Na seqüência dialógica, novamente, a marcação de pessoa apresenta-se parcialmente: no pronome (*cê*, ou seja, a segunda pessoa no diálogo), mas não no verbo (*tive*, que é a forma esperada para a primeira pessoa), em **Cê já tive** catapora?

Em 2, *tive*, reaparece mais adiante, na mesma sessão na fala de M.

(2) 3;02.22

S: O único lugar que dá pra você ir é na Amandinha.

M: É?

S: Por que?

M: Agora?

S: Hoje não, porque o pai tá trabalhando. Mas esses dias que você tava com catapora, era o único lugar que você ia.

M: Onde?

S: Na casa da Amandinha.

M: **Mandinha** não **tive** catapora?

S: Então, a Amandinha já teve catapora por isso que você pode ir lá.

I: E o Chico e a Ana Cláudia?

M: Não **tive** catapora, né?

S: Nem ele, nem a Ana Cláudia.

Assim como em (1), a marcação de pessoa é mostrada apenas pelo nome (Mandinha) em “**Mandinha** não **tive** catapora?”, mas não pelo verbo, que aí permanece em primeira pessoa. Na seqüência do diálogo, em “Não **tive** catapora, né?”, observa-se, outra vez, que o verbo apresenta-se em primeira pessoa.

Desta forma, pode-se dizer que na origem do processo de estabelecimento de uma rede relacional primitiva – ou na configuração paradigmática inicial – só *tive* se apresenta. Não há formas concorrentes, nesse momento na fala de M, candidatas à ocupação desse lugar sintático no paradigma em constituição, nem qualquer indício de ação reflexiva consciente sobre a língua por parte da criança. A marcação de pessoa se dá apenas parcialmente: pelo nome ou pronome, mas não no verbo. Mais do que isso, observa-se que *tive* guarda uma relação com o texto em que foi produzido na fala do outro. Outros exemplos existem relacionados ao mesmo tópico discursivo sobre doenças, nas estruturas: “eu, você, ela/ele não tive (doença)” e “eu, você, ela/ele tive (doença)”. Há uma espécie de fixação ou congelamento de *tive* neste lugar discursivo.

A seguir, observe, em 3, como *teve* entra em cena na constituição paradigmática.

(3) 3;03.01 (M chupa uva com I e S na cozinha) M: Marcelinha!

M: Hum.

I: Eu não tive catapora.

M: Por que não?

I: Porque eu não peguei quando eu era pequena. A Simone, acho que também não teve não.

M: Eu já.

S: Cê já teve.

M: Eu vô pegá ma/ ma/ mais uma uva.

I: Simone, eu acho que não teve não.

M: **Teve**.

I: Não teve!

M: **Você tive**, mãe?

S: Não, não tive não.

I: E o Luís?

M: **Tive**.

S: Não também.

Teve aparece na fala de M com aparência de “acerto”, contudo o que se mostra é a dependência da fala de M à fala do outro. Torna-se necessário apontar que *teve* passa a ser concorrente de *tive* na organização paradigmática em construção. *Tive* e *teve* passam a estabelecer relação entre formas e discursos. Realmente, o aparecimento de *teve* não indica a estabilidade da forma na fala da criança, pois *tive* volta a ocupar esse mesmo lugar no paradigma em constituição, o que é notado tanto pelo fragmento “**Você tive, mãe?**” quanto “**Tive**”.

Mais outra vez, a marcação de pessoa se apresenta, como na ocorrência 1, parcialmente. Levando-se em consideração a definição de Jakobson, em que a pessoa verbal caracteriza os participantes no *procès de l'énoncé* com referência ao *procès de l'énonciation*, pode-se dizer que em “**Você tive, mãe?**”, embora a segunda pessoa marque uma identidade de um participante do *procès de l'énoncé* com o protagonista atualizado do *procès de l'énonciation* (a mãe), o verbo resiste em primeira pessoa.

Sem perder de vista que “acerto” e “erro” na fala da criança têm origem na fala do outro, verifica-se que a rede relacional primitiva ou a organização paradigmática inicial na fala de M amplia-se, passando agora acolher também “*teve*”.

As análises realizadas até aqui já são suficientes para indicar, que tanto as considerações feitas por Benveniste quanto as feitas por Jakobson com relação à pessoa verbal, mostram alguns “entraves” para a análise da fala de M. Se como afirma Benveniste, o pronome e o verbo estão submetidos à categoria de pessoa, então o que dizer da correlação de personalidade, que opõe as pessoas “eu-tu” do “ele”, quando a marcação de pessoa é mostrada, na fala de M, pelo nome (Mandinha) ou pronome (ela), mas não pelo verbo, que se apresenta em primeira pessoa (*tive*)? Como deveria ser pensada a correlação de subjetividade que opõe a “pessoa-eu” da “pessoa não-eu”, quando a marcação de pessoa se manifesta pelo pronome (cê), mas não pelo verbo que resiste em primeira pessoa? De modo análogo, viu-se em 3, que a segunda pessoa marca a identidade de um participante do *procès de l'énoncé* com o protagonista atualizado do *procès de l'énonciation* (a mãe), mas o verbo se apresenta em primeira pessoa. De fato, as análises oferecidas pelos dois autores apontam para posição da criança no processo de aquisição da linguagem, como a de um sujeito já dividido entre a sua fala e a fala do outro. De certa forma, isso contraria a afirmação de Benveniste que propõe a unicidade específica das pessoas “eu” e “tu”. Ao contrário, o que se mostra é a divisão do sujeito. Tais considerações são suficientes para que se busque outra solução teórica para explicar os acontecimentos na fala de M, como poderá ser visto na seqüência.

(4) 3;03.23 (M e I estão na sala brincando com super-massa)

I: A Simone já teve catapora? Ela já teve, né?

I: E a Ana Cláudia?

M: Não.

I: Eu já tive.

M: Teve. Teve?

I: Eu tive? ã?

M: Teve.

I: Será que eu tive, Marcelinha?

M: **Tinha**.

I: ã?

(mais adiante no diálogo)

I: E você? Já teve?

M: Já.

I: A Amandinha.

M: Teve.

I: ã?

M: Tamém.

I: Tamém o que?

M: Tamém **tive** catapora, ué.

Em torno do episódio da catapora criou-se um verdadeiro jogo (Figueira, 2008) de dizer, em que o sujeito pode experimentar a condição derivada da escuta de uma diferença, que lhe permite captar uma novidade em que se compraz como falante que experimenta as possibilidades de combinações da língua. *Teve* aparece na fala de M, que faz a conversão esperada na forma verbal no diálogo para as posições

enunciativas “eu” e “tu”. Tomado pela brincadeira, o enunciado de I faz permanecer a dúvida manifesta em “Será que eu tive, Marcelinha?”. O jogo, na produção de seus efeitos, faz surgir **tinha** (forma invariável na 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular) – ou seja, introduz uma mudança na fala de M –, que parece ter sido afetada pela incerteza manifestada pela fala do interlocutor. Cabe salientar que **tinha** guarda uma relação fônica com “Marcelinha”, da fala imediatamente anterior de I. O efeito lúdico do som alcança objetos lingüísticos que se deixam deslizar no jogo, guiados por sua qualidade sonora. Só que **tinha**, por sua vez, nesse momento na fala de M, concorre com *tinho*, como por exemplo, em “*vô perguntá pra minha mãe se eu tinho outro quebra-cabeça igual esse*”⁶, que ocorre na mesma sessão de gravação. A relação que **tinha** guarda com *tinho*, é tal que permite que por analogia, se abra potencialmente, outras possibilidades de combinação, com as formas que levam o /o/ desinencial, na construção do paradigma na fala de M. Dito de outra forma, isso acarreta conseqüências para o rumo da organização paradigmática em construção na fala de M.

Encontra-se assim, a solução teórica para a análise da fala de M. Saussure afirma que a analogia é um fenômeno de transformação inteligente. Acrescenta o autor que a melhor maneira de compreendê-la é observar a fala de uma criança de 3 a 4 anos, quando a linguagem é um “verdadeiro tecido de formações analógicas, que nos fazem sorrir, mas que oferecem a possibilidade de se surpreender o princípio que não pára de agir na história das línguas – a analogia.” Nas línguas, assim como também na fala da criança⁷, não se pode prever, de antemão, aonde se deterá a imitação de um modelo, nem quais serão as formas afetadas pela analogia.

Saussure esclarece que não são sempre as formas mais numerosas as que desencadeiam a analogia. Ela é uma criação que pertence inicialmente à fala, portanto, concentra-se na esfera do individual (do subjetivo) onde o fenômeno deve ser surpreendido. Ao afirmar que “toda criação deve ser precedida de uma comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua, onde as formas geradoras se alinham de acordo com suas relações sintagmáticas e associativas”, o autor acaba revelando sua posição sobre a reflexividade envolvida nesse processo. Estão na atividade da língua todas as potencialidades de combinações. A analogia é tratada por Saussure como um processo criativo, que tem sua origem no ato lingüístico, de forma que se não for acolhido pela coletividade de falantes não se torna fato de língua. Isso parece bem ilustrar a situação dos erros na fala da criança durante o processo de aquisição da linguagem. Saussure reconhece que existem de um lado, atos lingüísticos (ou acontecimentos), cuja relação se dá entre língua/fala e indivíduo e de outro lado, fatos lingüísticos, cuja relação se dá entre língua e um conjunto de indivíduos. Ressalta Saussure, que o ato lingüístico tem a característica de ser o menos refletido.

Com relação à organização paradigmática, observa-se a expansão da rede relacional primitiva. No princípio do processo de construção do paradigma havia só a forma verbal *tive*, sem que houvesse outras formas concorrentes dispostas para a organização paradigmática inicial. Em seguida, o *teve* se apresentou e, posteriormente, o *tinha*, que guarda uma relação com *tinho*. Assim, abre-se, potencialmente, a possibilidade de estabelecimento de relação com outros verbos que levam o /o/ desinencial, neste momento da fala de M.

Veja como isso interfere na organização paradigmática, através da última ocorrência.

- (5) 3:04.00 (I observa uma marquinha no braço de M)
 I: Que bicho que te mordeu, hein M?
 M: Pinilongo.
 Dani: Eu acho que não foi pernilongo.
 M: Foi, foi, foi!
 I: Eu acho que é catapora! Cê tá teve catapora?
 M: Já.
 I: Teve?
 M: **Teve**. Eu acho que você não **teve**, né?
 I: Eu tive. Não, catapora eu não tive. Eu tive só sarampo.
 (mais adiante, no mesmo diálogo)
 M: A Mariana tamém **tinha**. Eu passei pra ela.
 I: Não. Quem passô pra Mari foi a Dani, não foi?
 I: E a sua mãe?
 I: Sua mãe teve catapora?

⁶ Outras ocorrências que levam o /o/ desinencial podem ser consultadas na dissertação e que deu origem a este artigo. Os próprios erros com verbos de alternância vocálica, tais como: dómo, tóssô, esquévo, conségo, entre outros são indicativos da extensão do fenômeno neste momento na fala de M.

⁷ Em seu artigo de 1998, “Os lineamentos das conjugações verbais na fala da criança: a multidirecionalidade do erro e heterogeneidade lingüística”, Figueira mostra que a direção que as formas verbais podem tomar na fala da criança não é única, nem tão pouco previsível.

M: **Tive**.

I: E o Chico? O Chico não teve, Marcelinha?

M: Não.

Em 5, **tevo** (forma que guarda uma semelhança com *teve*) aparece para se referir à segunda pessoa e não à primeira, como o /o/ desinencial poderia querer indicar. A marcação parcial de pessoa se apresenta no pronome (você) e não no verbo, cuja desinência identifica a primeira pessoa do diálogo. O agrupamento de formas em torno da organização na constituição do paradigma verbal amplia-se para: *tive*, *teve*, *tinha* (*tinho*) e *tevo*. Em seguida, “*tinha*” parece na fala de M, num lugar anteriormente apenas ocupado por “*tive*”, conforme as ocorrências iniciais deste artigo indicaram. No diálogo em questão, “**Tive**” (forma que guarda sua relação com o discurso em que foi produzido) ressurge na fala de M em resposta à pergunta “Sua mãe teve catapora?” de I. Isso mostra tanto a alternância existente entre “*tive*” e “*teve*” enquanto formas concorrentes no paradigma em constituição, quanto indica a mudança de posição da criança com relação à fala do adulto da qual a criança não é mais tão dependente.

Conclusão

A breve exposição feita aqui possibilita tecer algumas considerações. Inicialmente, foi possível identificar a origem discursiva de *tive*, na fala do outro, como ligado ao episódio de doença (a catapora) que atingiu várias pessoas da família, assunto que recorreu em várias sessões de gravação. Em seguida, *tive* aparece na fala de M em combinações com nomes e pronomes, de forma não previsível, produzindo erros, tais como: **cê tive**, **Mandinha tive** e **ela tive**. Assim, no início da organização paradigmática, apenas *tive* se apresentava para a ocupação do lugar sintático em questão. A ocorrência 3 registra a entrada de *teve* no jogo, com aparência de “acerto”. Porém, isso apenas aponta para o processo de dependência dialógica, no qual se observa a retomada da fala do outro na da criança. Tanto *teve* não representa um “acerto”, que *tive* reaparece na fala de M. Por outro lado, *teve* passa a concorrer com *tive* na constituição do paradigma verbal na fala de M. Depois disso, outra expansão na organização paradigmática é observada com a entrada de *tinha* (que estabelece uma relação fônica com Marcelinha, da fala anterior de I) em 4. No entanto, *tinha* guarda uma relação com *tinho* na fala de M, de modo que por analogia, esta relação acaba provocando a combinação com outras formas que apresentam o /o/ desinencial. A prova disso está no fato de que *tevo* e *tivo* aparecem, em seguida, na fala de M. Deste modo, o paradigma em constituição se expande e passa a abrigar as seguintes formas: *tive*, *tivo*, *teve*, *tevo*, *tinha*, *tinho*.

A aproximação dos quadros de Jakobson e Benveniste se mostrou vantajosa para salientar a posição da criança no processo de aquisição da linguagem, como um sujeito já dividido entre sua fala e a do outro. Porém, os dois autores exploram a definição da pessoa verbal com relação ao problema da referência na linguagem. Desta forma, a definição de analogia em Saussure (defendida como fenômeno criativo, inconsciente, relacionado ao ato lingüístico, que é individual) permitiu que se acomodasse melhor a explicação sobre a constituição paradigmática na fala de M.

Não é possível finalizar este artigo, sem dar reconhecimento que é a reação da fala de M frente aos estranhamentos dos interlocutores que promove as mudanças em sua própria fala. De acordo com os dados apresentados, verificou-se que é inegável o papel que a fala do outro tem nas reformulações da fala de M, que se reflete na movimentação da língua na fala da criança, ou seja, no interior da organização do paradigma verbal. Isso é indicativo de que as reformulações produzem um efeito na fala da criança, quando esta ainda está presa ao movimento da língua, portanto, na segunda posição da criança no processo de aquisição da linguagem, proposta por De Lemos. Isso colabora para poder afirmar que “de fato, o domínio da língua é largamente não-consciente e não-refletido (Figueira, 2008, p.1).

Referências bibliográficas

- BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral*. Campinas, Editora Pontes, 1995, 387p.
- DE LEMOS, C. G. Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original. *Boletim da Abralín* 3: 97-126, 1982.
- _____. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismo de cambio. *Substratum* 1:121-135, 1992.
- _____. Sobre o interacionismo”. *Letras de Hoje* 34(3): 11-16, 1999.

- _____. Questioning the notion of development: the case of language acquisition. *Culture & Psychology* 6(2). New Delhi: SAGE Publications, 2000.
- _____. Sobre o estatuto lingüístico e discursivo da narrativa na fala da criança”. Texto Inédito, 2002a.
- _____. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 42: 41-69, 2002b.
- DE LEMOS, M.T. G. *A Língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição da Linguagem*. Campinas, Mercado de Letras. 2002, 216p.
- FIGUEIRA, R. Algumas considerações sobre o erro como dado de eleição nos estudos de aquisição da linguagem. *Anais do II Encontro Nacional de Aquisição da Linguagem*. 131-141, 1992.
- _____. Os lineamentos das conjugações verbais na fala da criança: multidirecionalidade do erro e heterogeneidade lingüística”. Porto Alegre, *Letras de Hoje* 33(2), 1998.
- _____. L’acquisition du paradigme verbal du portugais. Les multiples directions des fautes. *CALAP*: 20, 2000.
- JAKOBSON, R. *Ensayos de Lingüística General*. Barcelona, Seix Barral, 1974.
- JAKOBSON, R. & PORMORSKA, K. O paralelismo. In *Diálogos*. São Paulo, Cultrix, 1990.
- MALDONADE, I. R. Erros na aquisição de verbos com alternância vocálica: uma análise interacionista. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Universidade Estadual de Campinas. Texto Inédito, 1995.
- _____. Erros na aquisição da flexão verbal: uma análise interacionista. Tese de Doutorado em Lingüística. Universidade Estadual de Campinas. Texto Inédito, 2003.
- SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo, Cultrix, 1921/1972.
- SAUSSURE, F. *Escritos de Lingüística Geral*. In: BOUQUET, S; ENGLER, R. (Org.), São Paulo, Editora Cultrix, 2002, 296 p.